

ANTÓNIO JESUS CUNHA

# UM TESOURO INESGOTÁVEL

(ÀS VOLTAS COM A MISERICÓRDIA DE DEUS)



Tecto de Nuvens

**Título**

UM TESOURO INESGOTÁVEL (ÀS VOLTAS COM A MISERICÓRDIA DE DEUS)

**Edição**

Tecto de Nuvens, Edições e Artes Gráficas, LDA.

Rua Camilo Pessanha, 152, 4435-638 Baguim do Monte

tel./fax 224807820; tlm: 960131916 geral@tecto-de-nuvens.pt

www.tecto-de-nuvens.pt

**Coordenação literária de**

Teresa Cunha

**Autor**

António Jesus Cunha

**Capa**

Hugo Baganha a partir de fotografia de António M. Costa Cruz, gentilmente cedida para esta capa.

**Revisão**

António Jesus Cunha

**Conceção Gráfica**

Lígia Ramos para a Tecto de Nuvens

**Paginação**

António Jesus Cunha

© António Jesus Cunha

*Direitos reservados segundo a legislação em vigor*

**ISBN:** 978-989-8197-76-4

**Depósito Legal:** 417311/16

Texto baseado no novo Acordo Ortográfico

*O conteúdo literário e plástico desta obra é da inteira e exclusiva responsabilidade do autor.*

A gerência da Tecto de Nuvens

## Introdução

A vivência do Ano Santo da Misericórdia, de 8 de dezembro de 2015 (solenidade da Imaculada Conceição) a 26 de novembro de 2016 (solenidade de Cristo Rei), proporcionou à Igreja Católica uma séria oportunidade para se reafirmar como a “Igreja de Jesus”. Os vastíssimos ensinamentos do Papa Francisco foram um sério contributo para esta reafirmação. Um primeiro passo terá que ser a profunda purificação do pecado do poder. No decurso deste Ano Santo da Misericórdia foi lembrado o “Pacto das Catacumbas” que dezenas de bispos do mundo inteiro subscreveram, por altura do encerramento do Concílio Vaticano II.

No decorrer desta vivência do Ano Santo da Misericórdia, a Igreja e o mundo depararam-se com o que poderíamos chamar “O pão das lágrimas”. O salmo 79, de certo modo, traduz as angústias de todos os tempos, em particular as primeiras décadas do século XXI.

As grandes transformações sociais lançaram milhões de pessoas em situações que supostamente já não seriam possíveis: a crise económica que teve origem nos Estados Unidos da América, em 2008, que atingiu de forma muito significativa a Europa e, de modo particular, a União Europeia; o terrorismo; as guerras do Médio Oriente; os conflitos armados em muitos países de África.

Alguns países da União Europeia, nomeadamente a Irlanda,

Grécia, Portugal, Espanha e Chipre, entraram em rutura económica, facto que os obrigou a pedir resgates financeiros com custos sociais muito elevados.

A agudização da guerra civil na Síria, o terrorismo, o aumento dos conflitos armados em muitos países africanos, para além dos milhares de vítimas mortais, deram origem à deslocação de milhões de pessoas que procuraram refúgio noutros países. Há milhões de pessoas em campos de refugiados a viver em condições dramáticas. Em 2014, milhões destes refugiados empreenderam um verdadeiro êxodo para a Europa, fugindo da guerra e da fome à procura de melhores condições de vida.

Este êxodo, bem mais dramático do que o que os hebreus experimentaram, fez cair centenas de milhar de pessoas nas mãos de redes de traficantes. Um dos aspetos dramáticos deste êxodo foi a travessia do Mediterrâneo a caminho da Europa, tentando entrar pelo sul de Itália. Transportados em barcos superlotados, sem condições mínimas, muitos milhares destes refugiados acabaram por morrer afogados por causa dos sucessivos naufrágios. Em 2015, outra onda de refugiados tentou alcançar a Europa entrando pela Grécia. Mas não tiveram grandes facilidades. As centenas de milhar que conseguiram chegar à Alemanha, à França e outros países, tiveram que vencer inúmeras barreiras, nomeadamente na Hungria e na Croácia. A resposta da União Europeia tem sido muito lenta e pouco eficaz.

A estes milhões de refugiados, aos cidadãos que sofreram na pele as consequências da crise económica, foi-lhes dado a “comer o pão das lágrimas”. Mas, se tudo isto teve grande impacto na comunicação social, ficaram no esquecimento milhões de outras situações em que foram protagonistas os desempregados e, dentro destes, as pessoas que foram arrastadas para situações de pobreza encoberta.

# O PECADO DO PODER



## **Mentalidade mundana para a ‘carreira eclesiástica’**

Na manhã do dia 5 de novembro de 2014, na Praça de São Pedro, o Papa Francisco desenvolveu uma importante catequese sobre a hierarquia da Igreja. Começou por afirmar que “pela ação do Espírito Santo, que cumula a Igreja com seus dons, Cristo suscita diversos ministérios para edificação da comunidade cristã. Entre estes ministérios, distingue-se o episcopado. Na pessoa do bispo, chamado a servir e não a ser servido, o próprio Cristo faz-se presente e continua a cuidar da Igreja”. Sublinhou: “Compreendemos, portanto, que não se trata de uma posição de prestígio, de um cargo honorífico. O episcopado não é uma honorificência, é um serviço. Jesus quis que fosse assim. Não deve haver lugar na Igreja para a mentalidade mundana, para a ‘carreira eclesiástica’”.

Lembrou: “Os santos bispos mostram-nos que este ministério não se busca, não se pede, não se compra, mas acolhe-se em obediência, não para elevar-se, mas para baixar-se, como Jesus, que «se humilhou a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte». É triste quando se vê um homem que busca este cargo e, quando conquista o que quer, vive somente para a sua vaidade. De fato, é através do bispo, auxiliado pelos presbíteros e diáconos, que a Igreja exerce a sua maternidade. Por outro lado, do mesmo modo que Jesus chamou os Apóstolos para que vivessem unidos

como uma só família, assim também os bispos do mundo inteiro formam um único colégio, reunido em torno do Papa, que é o garante desta comunhão profunda”.

Prosseguindo a catequese, o Papa Francisco afirmou: “Como é belo, então, quando os bispos, com o Papa, expressam essa colegialidade, e buscam ser cada vez mais servidores dos fiéis! Foi o que vivemos recentemente na Assembleia do Sínodo sobre a família. Mas pensemos em todos os bispos espalhados no mundo que, mesmo vivendo em localidades, culturas, sensibilidades e tradições diferentes e distantes entre si, se sentem parte um do outro e se tornam expressão do elo íntimo, em Cristo, entre suas comunidades”. Concluiu: “Não existe uma Igreja saudável se os fiéis, os diáconos e os presbíteros não estão estiverem unidos com o bispo. Esta tarefa não é fácil, pois são necessárias muitas virtudes. Somos pecadores, e contamos com a oração de todos os fiéis”.

## **Pacto das Catacumbas da Igreja Serva e Pobre**

No dia 16 de novembro de 2014 completaram-se 49 anos sobre a assinatura do “Pacto das Catacumbas”. Este documento foi assinado por 40 Padres Conciliares em 1965, poucos dias antes da conclusão do Concílio Vaticano II. Terá sido incentivado pelo Papa Beato Paulo VI. Trata-se de um convite a todos os Bispos a levarem uma “vida de pobreza” numa Igreja “servidora e pobre”, como tinha sugerido o Papa São João XXIII. Os bispos signatários comprometeram-se “a viver na pobreza, a rejeitar todos os símbolos ou privilégios do poder e a colocar os pobres no centro do seu ministério pastoral”.

No dia 12 de setembro de 1965, cerca de dois meses antes da celebração e assinatura do Pacto, o Papa Beato Paulo VI visitou as Catacumbas. Proferiu as seguintes palavras: “Aqui a Igreja foi despojada de poder humano, aqui era pobre, foi humilde, foi piedosa, foi oprimida e foi heróica”.

Este documento, “Pacto das Catacumbas”, tornou-se a expressão pública da caminhada e compromisso do grupo dos padres Conciliares, designado “Igreja dos pobres”, formado na primeira parte do Concílio Vaticano II. Foram os seus mentores Paul Gauthier padre operário, e Marie Therese Lescase, religiosa carmelita (que foi operária em Nazaré). O autor do texto é o bispo brasileiro Helder Câmara. O primeiro grupo de bispos que assinaram o